



## DA DIFERENÇA À DIVERSIDADE: A ANÁLISE DAS NARRATIVAS MUSEAIS ATRAVÉS DOS OBJETOS PARA ESTUDOS RACIAIS HUMANOS

FELIPE RODRIGO CONTRI PAZ\*<sup>1</sup>

### Introdução

O presente trabalho é um recorte teórico, parte componente das pesquisas da tese de doutorado em Educação<sup>2</sup>, na linha História, Memória e Educação - UFRGS/CNPq que está em andamento. Neste presente estudo em específico, o objetivo é analisar como os museus, europeus e nacionais<sup>3</sup>, através de seus acervos que abordavam as questões raciais humanas, ressignificaram, problematizaram e democratizaram os usos e apropriações da narrativa museal.

De modo a organizar o escrito, dividirei-o em três partes: Na primeira parte abordo o discurso museal europeu, demonstrando como surgiram as peças de ensino racial no cenário dos museus de Anatomia Humana de Torino e no Museu do Homem de Paris, bem como eram constituídas as narrativas sobre os assuntos raciais humanos. Posteriormente, problematizo a questão em relação aos espaços museais brasileiros, em especial do Museu Nacional do Rio de Janeiro, traçando comentários sobre os principais eventos sobre as raças humanas propagados pela instituição. Por fim, analiso como estas peças estão sendo problematizadas nos espaços museais que existem dentro de instituições escolares, visando discutir sobre o papel destes espaços e suas narrativas na sociedade brasileira, no que tange ao ensino sobre a diversidade humana.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorando em Educação FAGED/UFRGS com apoio de bolsa CNPq.

<sup>2</sup> Minha tese visa dar continuidade as pesquisas iniciadas em minha dissertação de mestrado *Cultura Visual e Museus Escolares: representações raciais no museu Lassalista (Canoas, RS, 1925-1945)*, defendida em 2015, sob orientação da Dra. Profa. Zita R. Possamai.

<sup>3</sup> Utilizo alguns museus para fins de estudo teórico, embora existam outros que analisarei em meus futuros escritos na Tese.





2

## **Museus de História Natural na Europa: Do "outro" como exótico ao pluralismo étnico**

Os museus modernos surgem a partir da chamada prática do colecionismo que, conforme Lopes (1997), visava preencher os *Gabinetes de Curiosidades* dos príncipes e reis europeus, com objetos provenientes dos novos continentes "descobertos", iniciada no século XVI. Inicialmente, os colecionadores buscavam, em especial, objetos de caráter curioso e exótico. Posteriormente passariam a ser valorizadas as coleções de caráter científico. Assim, "abandonavam (...) a função exclusiva de saciar a mera curiosidade, voltando-se para a pesquisa e a ciência pragmática e utilitária" (JULIÃO, 2006: 18).

Durante o século XIX, devido ao contexto político e social do mundo, permeado pelo imperialismo europeu, bem como pelos estudos racialistas desenvolvidos desde período do Renascimento, o estudo racial humano recrudescer. Estes estudos raciais tinham como bases científicas a justificativa das dominações imperialistas de Ásia, África e América, ou seja, ligadas aos institutos de pesquisa científica em Antropologia, ou como parte integrante de projetos político-sociais, visando hierarquizar a sociedade. Os museus de História Natural iniciaram durante o século XIX intensa pesquisa craniométrica e racial através de réplicas ou de modelos originais. São vários os exemplos de museus que utilizaram-se destes objetos para o estudo dos tipos raciais humanos. Dentre estes podemos citar o Museu de Anatomia Humana de Torino e do Museu do Homem de Paris.

O Museu de Anatomia Humana de Torino tem suas origens ligadas aos estudos de Ângelo Visca, da chamada escola anatômica de Torino, em 1563. Sua coleção foi ampliada em 1739 com a criação de um espaço museal idealizado por Carlos Emanuel III da Sardenha e o docente de anatomia Giovanni Bianchi. Porém, somente no século XIX, mais exatamente em 1830, o anatomista Luigi Rolando expõe publicamente no Palácio do Museu Real os inúmeros objetos, incluindo nestes, modelos em cera de tipos humanos. De 1837 a 1898, o museu teve sua sede transferida, provisoriamente, para o Hospital de São João Batista, onde as teorias raciais tiveram ampla repercussão, principalmente o evolucionismo de Darwin. No ano de 1898, foi transferido ao prédio atual, o instituto anatômico *Corso Massimo d'Azeglio*.

Em 2001, o acordo assinado pela Universidade de Turim marcou o nascimento do museu de anatomia humana, dividido em três espaços museais: Museu de Anatomia Humana Luigi Rolando, Museu de Antropologia e Etnografia e o Museu de Antropologia Criminal Cesare

3

Lombroso, todos parte de um mesmo conjunto de prédios. O espaço do Museu de Antropologia e Etnografia contém peças essencialmente de civilizações antigas e seus objetos arqueológicos. Ainda assim, contém um sub-setor que mantém crânios dos chamados "alienados" do século XIX e XX provenientes dos hospitais psiquiátricos mantidos por Antônio e Giovanni Marro, médicos da citada instituição. Já o Museu de Antropologia Criminal Cesare Lombroso foi fundado como espaço em 2009, ano do centenário de sua morte, reunindo todo seus estudos, escritos, imagens por ele produzidas ou pelos indivíduos por ele estudados. O espaço com maior quantidade de peças é o pertencente ao Museu Luigi Rolando. Um dos setores é o de Frenologia, onde inúmeras cabeças frenológicas, produzidas por Franz Gall<sup>4</sup>, são expostas.

Figura 1: Cabeça Frenológica



Fonte: Museu de Anatomia Humana

---

<sup>4</sup> Franz Jopseph Gall (1758-1828) foi um médico alemão. Desenvolveu a chamada Frenologia, ciência que media e analisava as estruturas cranianas de modo a determinar o indivíduo e sua moral.



4

Atualmente estes museus mantêm seus acervos com a intenção de combater justamente o que pregavam quando foram constituídos. A criação do espaço de Lombroso não foi uma homenagem, mas sim um local para discutir, através de sua narrativa museal, os vários erros na teoria do atavismo criminal. Assim, do mesmo modo o espaço do Museu Luigi Rolando, possui um projeto educativo chamado "Para cada um o seu rosto" com a intenção de deliberar a favor da diversidade e o respeito as diferenças físicas humanas, transmitindo uma mensagem anti-racismo.

O Museu do Homem de Paris, originalmente chamado de Museu de Etnografia do Trocadero, foi fundado em 1882, com o objetivo de manter as sociedades que estavam a ponto de desaparecer, além de estudar racialmente os seres humanos. A narrativa desenvolvida no museu francês era relacionada com as concepções evolucionistas e etnocêntricas de seu contexto. As produções estavam de acordo com Armand de Quatrefages<sup>5</sup>, médico, antropólogo e naturalista monogenista<sup>6</sup> que em muito apoiou os comandantes da instituição, Ernest Hamy e René Verneau nos estudos sobre as raças humanas consideradas exóticas, tais como melanésios, negros, papuas e tasmânicos. Além dos homens atuais, os fósseis de homínídeos eram estudados com a finalidade de encontrar as origens humanas. Em 1928, o antropólogo francês Paul Rivet, assumiu a direção do museu, iniciando um processo de formação interdisciplinar entre as áreas da Antropologia e Sociologia. Foi de sua autoria a idealização do *museu-laboratório*, espaço destinado a discutir sobre as raças através do museu, da biblioteca e de um laboratório de pesquisas, que viria a ser inaugurado somente anos após. Em 1937, a instituição tornou-se Museu do Homem. A mudança do nome não foi meramente ilustrativa, visto que a nova nomenclatura visava combater o racismo, algo cientificamente permitido em suas origens. Paul Rivet, em pleno período de ascensão dos totalitarismos fascistas buscou utilizar da instituição para propagar uma campanha contrária as diferenças raciais humanas, que segundo Rivet seriam ínfimas. Em 1938, as peças do antigo Museu do Trocadero, agora todas localizadas no Palácio de Chaillot, foram postas novamente em exposição, sendo uma das principais atrações as chamadas galerias etnográficas, onde os seres humanos eram colocados do ponto de vista geográfico e etnológico em cada

---

<sup>5</sup> Pesquisador racial que trocava cartas frequentemente com o Imperador brasileiro D. Pedro II, bem como com Ladislau Neto, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro de 1876-1893, do qual compartilhou inclusive crânios e demais objetos para estudo racial.

<sup>6</sup> A monogenia acreditava que a raça humana era proveniente de uma única espécie. A poligenia opunha-se e tinha como grandes nomes francófonos Topinard e Broca.

5

continente correspondente. As políticas de combate aos discursos racistas atingiram seu ápice no período de ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde promoveram rotas de fugas de franceses para a Inglaterra e movimentos de resistência.

Em 2015, após seis anos de reforma, a chamada escala de bustos, uma estrutura de 11 metros de altura por 19 comprimento, com mais de 90 bustos retratando as etnias humanas foi exposta na reinauguração do museu, sob o contexto de três questões a serem tratadas: "Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?".

Figura 2: Escala de bustos do Museu do Homem



Fonte: site do Museu do Homem<sup>7</sup>

Estes bustos são resultado de uma expedição francesa à Oceania em 1842.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [www.museedelhomme.fr/](http://www.museedelhomme.fr/)



6

*As teorias frenológicas exerceram influência em diversas áreas. Na antropologia, a partir dos estudos craneológicos, as medições “substituíam a las impresiones intuitivas”. Além disso, a frenologia vai ser fundamento para a antropologia criminal. Na etnografia, a figura de Pierre Marie Dumoutier (1797-1871), frenólogo, foi essencial na expedição de Dumont d’Urville (1790-1842) à Oceania, onde a coleção etnológica do Musée de l’Homme é um de seus principais resultados. Extrapolando as esferas científicas, a influência da frenologia (MACEDO, 2016:127-145).*

Os moldes dos crânios eram tirados a partir de um aparelho chamado *céphalometre*. Atualmente, a nova exposição não tenciona demonstrar as diferenças humanas pela degenerescência ou inferioridade racial, mas sim pela riqueza da variabilidade étnico-racial.

Embora vistos de modo completamente diverso do que o originalmente proposto por seus autores do séculos XIX e XX, ainda é um tema tratado com cautela, devido a envolver inúmeros povos diferentes, tratados com a alcunha de *raças humanas*, sendo representadas pelo homem branco e europeu. Hoje, conforme enfatiza Moreno (2009) "los grupos sociales excluidos han tomado consciencia de su situación desde una perspectiva crítica y estratégica" (Moreno, 2009: 44). Os museus tradicionais cada vez mais são pressionados ou até mesmo por sua iniciativa abrem suas portas para manifestações e exposições contra-hegemônicas. Com esta exposição, o Museu do Homem buscou expor a diversidade humana como riqueza, ao invés da diferença apregoada na transição do século XIX para o XX, que tinha por sentido a exclusão.

### **Museus Brasileiros: Como as raças eram abordadas?**

No século XIX, o Brasil seguindo um caminho muito próximo ao das instituições europeias também inaugurou seus primeiros espaços museais. Esses museus investiam seus esforços no estudo de História Natural e, evidentemente estudavam sobre as raças humanas. Alguns museus, segundo Julião:



7

*Museu Nacional, os Museus Paraense Emílio Goeldi e Paulista alinhavam-se ao modelo de museu etnográfico, que se difundiu em todo o mundo, entre os anos 1870 e 1930. Caracterizados pelas pretensões enciclopédicas, eram museus dedicados à pesquisa em ciências naturais, voltados para a coleta, o estudo e a exibição de coleções naturais, de etnografia, paleontologia e arqueologia. Os três museus exerceram o importante papel de preservar as riquezas locais e nacionais, agregando a produção intelectual e a prática das chamadas ciências naturais, no Brasil, em fins do século XIX. Tinham como paradigma a teoria da evolução da biologia, a partir da qual desenvolviam estudos de interpretação evolucionista social, base para a nascente antropologia. (JULIÃO, 2006: 19).*

Esses museus realizaram eventos e exposições ligados a temática racial, tais como a Exposição de Antropologia de 1882, realizado no Museu Nacional no Rio de Janeiro, o Congresso Internacional das Raças de 1911, também no Museu Nacional, além das publicações realizadas pelo corpo diretivo dos museus Emílio Goeldi e do Museu Paulista.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro através de suas exposições de esqueletos humanos, principalmente de indígenas, e dos estudos e expedições de seus diretores Ladislau Neto e João Baptista Lacerda investiu fortemente nos estudos racialistas humanos.

A Exposição de Antropologia de 1882, resultou no lançamento de um guia com a intenção de trazer uma explicação sobre as intenções das mostras sobre os tipos humanos apresentados, em geral indígenas e suas peculiaridades tribais, representadas em pinturas a óleo, gravuras, entre outras modalidades artísticas.

Figura 3: nativo botocudo



Fonte: Revista da Exposição Antropológica Brasileira

O diretor Ladislau Neto teve destacada participação, viajando até a Ilha do Marajó para coletar artefatos dos nativos, visto que o indígena era considerado o homem mais “primitivo” do Brasil. O estudo racial também servia a interesses econômicos, visando estratégias a possibilidade de extinção da mão-de-obra escrava:

*Peças arqueológicas, etnológicas e de antropologia física (sobretudo crânios), relacionadas às principais questões antropológicas daquele momento, fizeram parte da mostra. Foram também trazidos para o Museu Nacional representantes de algumas etnias indígenas, que vieram a ser estudados pelos antropólogos da instituição. Em meio aos debates sobre a abolição da escravidão no país, em que se questionava a possibilidade de utilização de mão-de-obra indígena, Lacerda, por ocasião da Exposição Antropológica, realizou testes fisiológicos com alguns indígenas baseados no dinamômetro (aparelho que integra o acervo do Setor de Antropologia Biológica), para averiguação da força muscular da mão. (SÁ, SANTOS, CARVALHO, 2008: 202-203)*



9

Anos após, o Congresso Internacional de Raças de 1911, teve como representante nacional o então diretor do Museu Nacional, João Baptista Lacerda. Em 1912 foi publicado um guia escrito pelo Museu Nacional contendo os detalhes do evento, bem como fotografias dos tipos humanos e estudos craniométricos. Mais uma vez as diferenças entre as raças eram apontadas visando desqualificar indígenas e negros, com a intenção de criar uma hierarquia racial. Instituições como estas mantinham diálogo com outros museus e institutos de pesquisa europeus e americanos, inclusive promovendo a permuta e empréstimos de peças de estudos como crânios e réplicas de nativos e demais raças que fossem interessantes aos estudos.

Assim como as instituições europeias, desde o final da Guerra Mundial em 1945 e com os debates iniciados em 1946 com a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), as narrativas dos museus tiveram de ser alteradas, obedecendo aos anseios de grupos excluídos, não pertencentes aquela "elite cultural", até então dominante nos museus.

O setor educativo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, por exemplo, possui em seu site oficial um programa chamado "Tem criança no Museu" que teve duas seções, uma chamada "África" e outra "Etnologia Indígena", além de outras referentes a outras temáticas. Estas práticas do setor educativo promoviam uma introdução ao tema, trabalhando o imaginário com perguntas básicas. No caso da temática "África", promovendo a desmistificação da unicidade da África, buscando uma maior apropriação de termos africanos, componentes de nossa cultura, além de compartilhar canções sentados em forma de roda. Na temática "Etnologia Indígena" as perguntas são realizadas e contrapostas a inúmeras imagens de indígenas, demonstrando que os indígenas utilizam celulares, frequentam universidades e escolas, dentre outras atividades, sem perderem sua própria identidade. Práticas como estas contribuem para o ressignificar as narrativas museais, antes discriminatórias, buscando um maior respeito as diversidades étnicas e sociais.

### **Espaços museais em escolas brasileiras e o acervo racial: A gradual mudança da narrativa**

Os museus nacionais brasileiros mantinham comunicação ativa com escolas existentes, deste modo a temática dos tipos raciais não tardaria a ser inserida aos currículos como uma



10

inovação pedagógica. Devido a ser a principal instituição escolar do século XIX e prosseguir com importante referência no século XX, muitas escolas seguiam as diretrizes do Colégio Pedro II. Nos currículos do Colégio Pedro II foram verificadas referências ao estudo racial com imagens, inclusive com a presença de crânios e réplicas, mas não a referência direta da existência de bustos em gesso. Conforme a política de equiparações, as escolas, principalmente as confessionais tentavam por meio de regulamentações federais equiparar sua estrutura e currículos aos do Colégio Pedro II, o que era um diferencial de prestígio, visto que:

*Ser equiparado representava estar alinhado a um modelo de excelência educacional e um diferencial perante instituições que não possuíam tal privilégio, além disso, o reconhecimento da validade dos diplomas dos equiparados para ingresso no nível superior interessava ao público abastado ao qual geralmente se encontravam vinculados tais institutos.(PEDRO, 2014:2)*

Além de ser uma necessidade básica dos mesmos:

*Os colégios muitas vezes dependiam da equiparação para continuarem em funcionamento, pois ser equiparado era um diferencial competitivo para aqueles que possuíam tal prerrogativa e que o fato de um instituto ser confessional era insuficiente para mantê-lo nas graças daqueles que estavam interessados no acesso ao nível superior. .(PEDRO, 2014: 3)*

As escolas que conseguiam a equiparação necessitavam de constante vigilância, visto que as vistorias federais eram constantes. Quanto a existência de bustos especializados para o ensino racial no Colégio Pedro II, podemos citar como referência a obra de memórias escolares de Pedro Nava, Chão de ferro. Nava foi ilustre médico mineiro que cursou seus estudos secundários na instituição de 1916 a 1921:



*Tínhamos nossas aulas embaixo, todas no anfiteatro do gabinete de história natural, alegre dependência do internato que dava no belo jardim antigo encimado pelo recreio dos menores. Laboratório e sala de lições eram separados por um tabique envernizado através de cujo gradeado superior viam-se os armários com os minerais, peças anatômicas de massa envernizada, esqueletos de animas, um esqueleto humano, um escarpelado de gesso colorido, bustos das figuras das raças e nas paredes oleogravuras encaixilhadas representando os animais das terras cálidas e das zonas polares. (NAVA, 2012:211).*

Assim, o Colégio Pedro II foi referência, inclusive curricular, para muitos outros institutos escolares que adotaram os mesmos conteúdos e buscaram similar metodologia de ensino nas décadas de 1920, 1930 e 1940. As escolas confessionais, buscando esta equiparação também possuíam objetos que tratassem do ensino racial, abordado em disciplinas como Geografia e História Natural. Inúmeras são as escolas que seguiram estas diretrizes estipuladas pelo Colégio Pedro II.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o Instituto Superior de Educação, inaugurado em 1880 como Escola Normal do Município da Corte, durante muito tempo atuou na formação de docentes. Em 1935, o Instituto foi incorporado a Universidade do Distrito Federal e sob o comando do reitor, Anísio Teixeira, e do diretor do Instituto, Lourenço Filho focaram exclusivamente na formação de professores. No entanto, em 1938, o Instituto anexou-se a Faculdade de Educação e incluiu os cursos de Jardim da Infância, Ginásio e Normal.

Atualmente ainda possuiu Museu de História Natural próprio. Seu considerável acervo de objetos para o ensino racial - ao todo 37 bustos e cabeças frenológicas - foram doados ao Centro de Memória Institucional (CEMI/ISERJ). Se antes estes objetos eram utilizados para o ensino das diferenças raciais, baseadas nas ideologias do século XIX que foram incorporadas da Europa, hoje são referências para a memória escolar. Assim, o Instituto lançou, em 2011, a oficina Memória e Cultura Escolar no CEMI, onde um dos objetos utilizados na oficina foram os bustos

12

raciais, visando ressignificar a narrativa museal através de seu patrimônio institucional, bem como abordar a questão do ensino da diversidade humana.

Figura 4: Busto representativo do tipo Chinês



Fonte: Acervo ISERJ

Em São Paulo, o Colégio Marista Arquidiocesano, fundado em 1858, por freis capuchinhos, na época chamado de colégio Diocesano, foi assumido pelos Irmãos Maristas em 1908. O prédio atual, na Vila Mariana, iniciou sua construção em 1929, sendo finalizada em 1935. Os objetos que eram utilizados para o ensino racial, dentre eles sete bustos (Cafre-Zulu, Mongolês, Indiano (Amsept), Australiano, Caucasião, Etíope e Chinês) e livros didáticos ilustrados, hoje fazem parte do movimento que decidiu organizar os espaços de memória institucional em comemoração ao sesquicentenário da escola em 2008. O memorial dispõe de infra-estrutura para a guarda e conservação de um acervo com mais de 30.000 documentos:



13

imagens, fotografias, publicações institucionais como o escrito Ecos do Colégio Arquidiocesano, medalhas, quadros de formandos e materiais didáticos. No setor do museu escolar a parte científica comporta os modelos anatômicos de seres vivos, animais taxidermizados, pranchetas de observação, além dos próprios bustos raciais.

No Rio Grande do Sul, o La Salle Canoas, fundado pela congregação dos irmãos Lasallistas em 1908 iniciou seu projeto ligado à ideia da fundação de uma escola de Agronomia. Posteriormente, em 1926, a instituição investiu na criação de laboratórios, salas temáticas e museus. A intenção era possuir uma escola normalista, a especialidade dos Lasallistas em formar professores. Na década de 1930, ocorrem as primeiras referências aos bustos de gesso, com finalidade do ensino racial, que juntamente aos impressos dos livros e compêndios escolares seguiram as diretrizes instituídas aos currículos de História Natural e Geografia. Estes apareciam descritos de inúmeras maneiras e nos mais diversificados níveis de graduação. A localização das peças transitava entre as salas especializadas de geografia e o museu, que tinha por maior interesse a História Natural. Possui atualmente o Museu e Arquivo Histórico La Salle. Neste espaço os cinco bustos raciais (Cafre-Zulu, caucasiano, índio norte-americano, australiano e chinês) dentre outros objetos da memória escolar e institucional são expostos. Visitas guiadas são oferecidas aos professores da instituição, podendo estes profissionais problematizarem sobre os sentidos do referente acervo museal.

## **Conclusões**

Primeiramente, reconhece-se a grande influência que as demandas sociais tanto na Europa quanto no Brasil exerceram sobre as instituições museais e suas narrativas, nos permitindo afirmar que o museu é uma instituição historicamente condicionada. Como propulsoras de pesquisas, construtoras e divulgadoras de conhecimento estas instituições agiram coerentemente com o considerado cientificamente aceito nos séculos XIX e XX, mesmo que hoje certos conhecimentos propagados sejam considerados superados. Se naquele momento cumpriram sua função de divulgar as diferenças raciais, sob o ponto de vista do preconceito racial, hierarquizando as sociedades humanas, hoje agem contrariamente, com a intenção de combater todas as formas de racismos e xenofobias.



14

Nota-se que tanto os museus europeus que abordavam sobre as raças humanas e eram o centro irradiador das teorias racistas, quanto os nacionais, utilizam-se de seus acervos para construir novas narrativas museais, de acordo com os debates atuais, contribuindo discussões para uma sociedade mais justa, democrática e que valorize a diversidade étnica-racial, cultural e social.

Por fim, os museus em espaços escolares, embora possuindo a preocupação de seus gestores e colaboradores com as questões relacionadas aos objetos utilizados para o ensino racial, ainda enfrentam dificuldades em como lidar estes acervos didáticos, sendo estes realocados para os setores memoriais da instituição. Ainda assim, as iniciativas de ressignificação dos acervos, mesmo que ainda diminutas e graduais, são considerada importantes para a construção de novas narrativas museais, mais cidadãs, democráticas e inclusivas.

## Referências

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de diretrizes museológicas 1**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2º Edição, 2006.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.



15

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848). **Revista humanidades em diálogo**, v 7, n -, p. 127-145, 2016.

MORENO, Geraldo Morales. Limites narrativos de los museos de história. **Alteridades**, [online] vol.19, n.37, p.43-56, 2009.

NAVA, Pedro. **Chão de Ferro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PEDRO, Ricardo Tomasiello. **História da equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo ao Colégio Pedro II (1900-1940)**. São Paulo: PUCSP, 2014. Dissertação de Mestrado, PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SÁ, Guilherme José da Silva e; SANTOS, Ricardo Ventura; CARVALHO, Claudia Rodrigues; DA SILVA, Elizabeth Christina. Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro v.15, n.1, p.197-208, jan.-mar. 2008.